



TERRA VERMELHA

Liliana Laganá *

"Este conto nasceu de uma entrevista por mim realizada na colônia italiana de Pedrinhas, no Oeste Paulista, em dezembro de 1987. Para Ludovica, nestas páginas, a prova dos sentimentos desencaixados naquele bate-papo, na vermelha tarde de Pedrinhas, numa 'companheira de viagem'."

Ludovica tinha dezessete anos quando partiu para um país distante chamado Brasil. Despedira-se de sua cidadezinha nas montanhas com um longo olhar, na hora de partir. Amava muito aquele lugar, e doía deixá-lo. Lembra ainda os longos passeios com sua mãe por aquelas alturas, o ar fininho da primavera, as flores miúdas nos campos, brancas, vermelhas. E a neve, no inverno, o pequeno trenó a deslizar entre gritos e risos de crianças, as grossas luvas de lã, as botas quentinhas, as maçãs do rosto vermelhas.

Quando Ludovica partiu, naquele país distante nascia Pedrinhas. Nascia numa terra vermelha e fértil, às margens da floresta, tendo atrás de si o mundo já conquistado pelo homem e adiante aquele para conquistar: ponto avançado do primeiro, porta de entrada do segundo. Para trás plantações, casas, estradas, cidades, ferrovias; adiante a floresta, que em breve atestaria, com sua ausência, a presença do homem.

Fora sempre assim: um contínuo avançar dos pioneiros em direção ao oeste, penetrando na floresta, dela arrebatando franjas de terra fértil e vermelha. Isso desde o século passado e a franja fora se deslocando, aumentando a parte do homem, diminuindo a da floresta. Era como uma guerra. Entre o homem e a natureza.

Quando Ludovica partiu não conhecia essa guerra: conhecia outra, que há pouco acabara. E a havia conhecido no corpo perfurado de seu pai, encontrado pelos partigiani na cantina e lá mesmo deixado, estirado no chão, o corpo cravado de chumbo suficiente para matar dez homens. Ludovica tinha dez anos e não podia entender todo aquele ódio descarregado em chumbo no corpo de seu pai. Seu pai, prefeito da cidade, que a ela só havia dado carinho e brinquedos, naquela casa grande e bonita, onde nascera.

Depois, Ludovica fora morar com sua mãe numa casa menor e percebia que, aos poucos, coisas iam desaparecendo: as jóias de sua mãe, os quadros, os enfeites dos móveis.

Mas Ludovica não dava importância a isso: ela crescia, tomava forma de mulher, ia passear aos domingos com suas amigas na praça da cidade e via os olhares dos rapazes. Agradava-lhe muito estar assim, em companhia: as amigas, os olhares dos rapazes, as casas em volta da praça, as montanhas em volta da cidade. Sentia-se como num casulo e era feliz.

Ludovica contou-me tudo isso de trás do balcão da farmácia. Falou sem perder de vista a porta, atenta a algum freguês, contando a história como se não mais lhe pertencesse, como se

fora de outra. Mas ao pronunciar aquele "eu era feliz", emocionou-se, seus olhos ficaram vermelhos.

- Dois anos! Foi o que tinha dito: ficaríamos apenas dois anos! - diz, elevando o tom de voz e olhando na direção do marido, ocupado em colocar em ordem prateleiras, tirando pó vermelho das caixas de remédios.

Mas o marido parece não tê-la ouvido.

- Esse pó é danado! - diz.

- É verdade! - exclama Ludovica. - É impossível livrar-se dele. Olhe aqui, já tirei o pó hoje. Parece? Não. A gente limpa a casa, nem termina e já está tudo coberto de pó novamente. Olhe o chão: vermelho. E as paredes: vermelhas. Todos os anos pintamos as casas de branco e logo se forma essa barra vermelha. E as roupas no varal: nunca consegui lençóis brancos! Brancos do jeito que eu gosto. As folhas das plantas? Vermelhas. As vacas nos campos? Vermelhas. Vermelhos os cachorros e os gatos. Até a gente fica vermelha. E quando sopra o vento, então!... Mas ele mudou de assunto. Faz sempre assim, quando falo nos dois anos...

- E você sempre tem que falar naqueles dois anos...

- Claro! Não é o que você tinha dito?

Mas não é com verdadeira raiva que Ludovica fala, e sim num tom de birra quase infantil. A dor, ela contou-me depois, a verdadeira dor tinha passado faz tempo e ela afeiçoara-se àquele lugar, gostava de Pedrinhas.

- Agora aqui é um lugar bonito - diz ela - Não tem montanhas, é verdade. E tem sempre esse pó vermelho. Mas é bonito, com a praça, a igreja, todas essas casas, as lojas. Mas quando cheguei aqui não havia nada. Era um buraco. Uma rua de terra vermelha com dois barracões de madeira, um de cada lado. Nem igreja, nem casas. Nada. Um buraco...

- Mas é claro: se nós havíamos sido contratados para fundar a colônia, como você queria encontrá-la pronta? - intervém o marido.

- Você havia sido contratado, não eu! Para mim foi você que escreveu uma carta dizendo que era um lugar bonito e que tínhamos uma linda casinha. E que voltaríamos em dois anos...

- Se eu não dissesse isso você não viria...

- Vê então que você me enganou? - retruca Ludovica, com aquele seu tom de birra infantil. Depois olha para mim:

- Quando chegou essa carta do Brasil, eu fiquei perplexa. Ele não era da minha cidade, eu o havia conhecido durante uma festa, na praça. Ele me olhava e o irmão dele olhava minha amiga. Um belo dia nos disseram que iam partir para o Brasil...

- Era uma ocasião fantástica! - intervém novamente o marido,

que deixou de lado prateleiras e pó e veio até o balcão, ao lado da mulher. - Fundavam uma colônia e nos chamavam: meu irmão como capomastro na construção, eu como farmacêutico na organização do hospital. Podia-se ficar rico em dois anos, nos haviam dito. E era como uma aventura: construir uma cidade às margens do mundo, recomeçar tudo desde o início. Era fascinante a idéia de construir um mundo todo novo, e poder fazê-lo como queríamos. Colocar certas coisas e outras não. Não colocar a guerra, por exemplo. E nem o ódio. E nem as diferenças entre as pessoas, uns ricos e outros pobres. Não. Todos iguais. Cada um com seu pedaço de terra, sua casa, seus animais, seus apetrechos de trabalho. E enfrentar essa coisa chamada natureza. Essa natureza que nós sabíamos grande: a floresta, as distâncias, o calor, o pó no vento... Uma natureza grande e feroz, é verdade. Mas o que era, se comparada à ferocidade que acabáramos de ver, nós moços? Nós, que tínhamos visto destruir nosso mundo? Construir, era isso o que nós queríamos, construir longe da história, ou, pelo menos, daquela história...

Falou sem parar, o marido de Ludovica. E em seu falar é fácil adivinhar que não haviam sido "aqueles dois anos para ficar rico" a fazê-lo partir. Havia sido outra coisa e essa "outra coisa" ligara-o para sempre àquela terra vermelha.

- Chegou-me aquela carta dele - retoma Ludovica - e minha mãe disse: "Vá, minha filha!" A vida não era fácil para nós, desde que haviam matado meu pai. Vivíamos das coisas que minha mãe ia vendendo. E as coisas acabavam. Assim casei e parti. Minha amiga também se casou, com o irmão dele, e também partiu. Mas ela voltou logo, antes de terminarem os dois anos...

- Ela atormentou meu irmão e ele teve que voltar...

- Ela foi mais esperta do que eu...

- Você superou a quarentena...

- A quarentena? - pergunto então eu.

- Sim, a quarentena. Era como se dizia - responde o marido de Ludovica. - O período pior, e que atacava principalmente as mulheres, logo que chegavam à colônia. Chegavam e começavam a chorar. Não faziam outra coisa: choravam. Choravam o dia todo, o mês inteiro, mais de um mês. Choravam e adoeciam. Tinham dores no estômago e não era nada, era nostalgia. Vomitavam e não era nada, era nostalgia. Tinham dores no ventre e não era nada, sempre somente nostalgia. Os maridos nos chamavam altas horas da noite, com a mulher a se contorcer na cama. E eram obrigados a partir. A maioria não superava a quarentena...

- Então foram muitos os que voltaram? - pergunto ainda.

- Muitos - responde ele - muitos. Chegavam vinte, trinta famílias. Ficavam duas ou três. As outras partiam de novo. Voltavam para a Itália, ou iam para São Paulo. Saíam à noite, fugiam...

- Dava medo essa distância, essa planura sem fim, o silêncio e a solidão à volta... - retoma Ludovica, e em suas palavras ecoa ainda uma sensação de desnorreamento, de profunda, invencível perturbação:

- Certa noite, no navio - continua ela - olhei o mar. Olhei pela janelinha do banheiro, quase à flor d'água, a água salgada a respingar-me o rosto. Vi aquela escuridão toda e tive medo. Corri esconder o rosto debaixo do travesseiro e nunca mais olhei o mar à noite. Mas eu sabia que toda noite toneladas e toneladas daquela escuridão me separavam de minha mãe e de minha cidade... Depois foi o trem, um dia e uma noite de trem. Lá fora,

uma planura sem fim. Eu pensava nas minhas montanhas, mas o sol naquela planura parecia apagar tudo, até minhas montanhas, até a lembrança delas. E à noite a planura foi como o mar: uma escuridão sem fim que tragava o trem e me tragava. Depois o trem parou em Assis. Pensei que finalmente tivesse chegado. Mas não: ainda duas horas de jipe. Duas horas de estrada sem uma casa. De vez em quando uma porteira interrompia a estrada. O motorista descia, abria a porteira e voltava a fechá-la atrás de nós. Eu tinha a sensação de que estavam me levando para um lugar no fim do mundo, do qual eu nunca conseguiria voltar, com todo aquele espaço e todas aquelas porteiros. E a colônia era uma rua de terra vermelha com dois barracões de madeira. Quer ver as fotos?

A casa fica nos fundos da farmácia. Ludovica convidou-me a entrar, ofereceu-me um café e foi buscar seu álbum de fotografias.

- Tudo o que eu contei está aqui - diz.

Abro o álbum. Na primeira página, cartões postais: montanhas de cumes brancos e vales cobertos de flores miúdas, brancas, vermelhas.

- São as minhas montanhas - diz Ludovica.

Numa outra página, as mesmas montanhas, em branco e preto. Em primeiro plano, uma menina oferece uma flor a uma mulher.

- Sou eu e aquela é minha mãe - diz Ludovica.

Outras fotos. Ludovica menina num pequeno trenó, e a mãe ao lado, que a olha e sorri. Ludovica já moça, com outras moças na praça da cidade. Ludovica vestida de noiva, a ampla saia a cobrir-lhe os joelhos, um pequenino véu na cabeça e um buquet de flores nas mãos. Entra na igreja e sorri. Atrás dela, outra noiva.

- É minha amiga. Casamos no mesmo dia - diz Ludovica.

As duas noivas diante da igreja, sorrindo embaixo de uma chuva de arroz. Ao lados delas, dois homens vestidos de noivos.

- São nossos padrinhos - diz Ludovica.

- E os noivos?

- Os noivos esperavam aqui em Pedrinhas - responde Ludovica.

Ludovica, com seu vestido de noiva, sem véu e uma pequena bolsa no lugar do buquet. Sorri, diante da igreja de São Marcos.

- Mas é Veneza! - exclamo.

- É Veneza, sim. Era minha viagem de núpcias.

- Viagem de núpcias?

- Sim. Meu padrinho não quis que eu me casasse sem uma viagem de núpcias e então ele e sua mulher me levaram para Veneza. Eu não conhecia Veneza...

Ludovica num jipe, com seu vestido de noiva e a pequena bolsa de Veneza nas mãos.

- Achei que seria lindo chegar em Pedrinhas com meu vestido de noiva... - diz.

Ludovica, apoiada ao braço do noivo, os cabelos desalinha-dos pelo vento, caminha por uma rua poeirenta, alta nos seus sapatos brancos de noiva.

- Ficaram vermelhos, esses sapatos... - diz Ludovica.

* Liliana Laganá é Prof.^a Dra. do Curso de Pós-Graduação em Geografia Humana da FFLCH/USP e mestre em Literatura Italiana.

1 - Conto publicado em italiano, com o título "IL PAESE DELLA TERRA ROSSA", primeiramente na revista PARALLELO, 38, de Reggio Calabria, Itália (Ano XXII, nº 10, out. 1992) e em seguida na revista INSIEME, da APIESP - Associação dos Professores de Italiano do Estado de São Paulo, Brasil - nº 4-5, (1993/1994).